

NA CAPITAL QUE OSTENTA O TÍTULO DE CAMPEÃ DOS INDICADORES SOCIAIS POSITIVOS DO PAÍS, É DEVASTADORA A MISÉRIA ILHADA NAS CIDADES AO REDOR DO PLANO PILOTO. ENQUANTO 10% DOS BRASILIENSES GANHAM MAIS DE 40 SALÁRIOS MÍNIMOS, 14% CONFORMAM-SE COM MENOS DE R\$ 300 POR MÊS

Claudia Bernal (texto)
Claudio Versiani (fotos)
Da equipe do Correio

Na cidade dos ricos, o Plano Piloto, a pobreza é invisível. Só quem mora nos mais pobres dos lugares — Recanto das Emas, Riacho Fundo, Santa Maria, Paranoá, entre tantos — sabe o quanto precária tem sido a vida.

É uma pobreza que agride, por ser contraditória ao que ocorre no Distrito Federal, dono da maior renda per capita do país. A menor taxa de analfabetismo (6,3%). É também o local do Brasil onde há maior número de bens de consumo por domicílio (72,8%). Tem a maior quantidade de telefones fixos instalados nas casas (32%), assim como o número de tevés por assinatura (16%). A renda média mensal das famílias (R\$ 2.673,00) é superior às de Curitiba (R\$ 2.208,18) e de São Paulo (R\$ 2.301,47). Não falta infra-estrutura urbana: mais de 95% do DF têm água encanada e esgoto.

Difícil é compreender como a campeã de indicadores sociais positivos do país tenha também uma das maiores diferenças no viver de seus habitantes. Quem tem poder aquisitivo, saboreia a excelente qualidade de vida. Quem não tem somente vive em barracos e em subempregos, os chamados bicos.

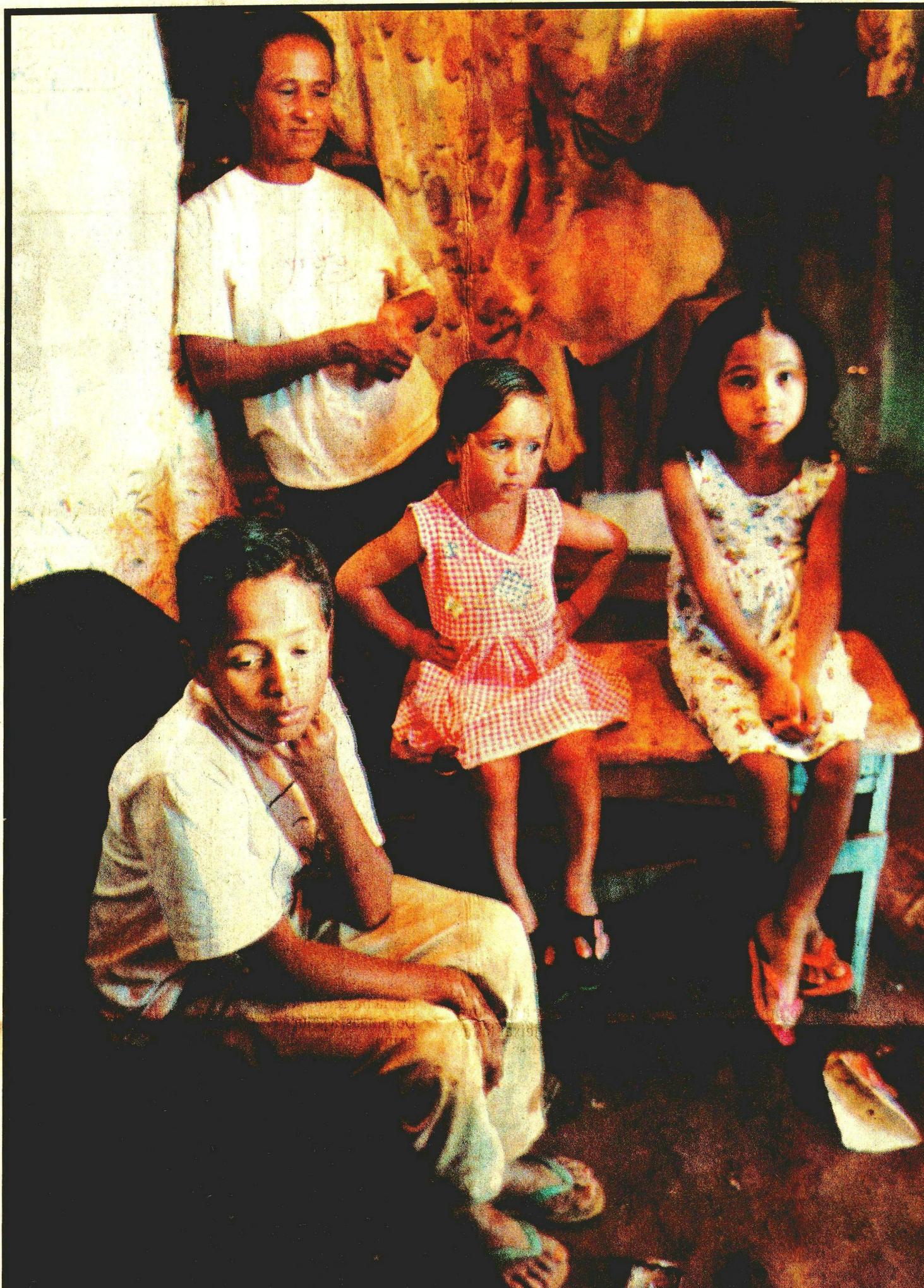
"Quem diz que Brasília é uma ilha da fantasia não conhece Santa Maria, Recanto das Emas, Estrutural...", enumera o geógrafo Aldo Pavan, referindo-se ao apelido "infeliz" da cidade em relação às outras do Brasil. "Não temos morro com favela, mas periferias organizadas que são depósitos de pobres", observa ele, que conhece de perto a exclusão, pois costuma sair a campo para fazer trabalho com alunos da UnB.

LIBERDADE
“O Distrito Federal não suportou a explosão demográfica e com isso veio uma exclusão social tão acentuada", comenta o sanitarista Sérgio Arouca, professor da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. E aponta reflexos como a dificuldade de acesso a serviços fundamentais para o desenvolvimento das pessoas, como saúde e educação.

O resultado são privações e humilhações humanas — o fim da liberdade, como define em seu livro *Desenvolvimento como Liberdade* o economista indiano Amartya Sen, 67 anos, ganhador do prêmio Nobel de Economia em 1998. Segundo ele, o crescimento do PIB e das rendas pessoais — o que ocorre no DF — são mostra de progresso de uma nação. Mas não é só. Aponta que o verdadeiro desenvolvimento ainda está longe de ter se disseminado pelo mundo, pois nega direitos elementares a um grande número de pessoas, como alimentação saudável e água encanada.

No DF, 10% da população vivem na classe A e ganham acima de 40 salários mínimos, 9% em São Paulo. Mais do que os ricos, porém, são os que sobrevivem com menos de dois salários mínimos: 14% dos moradores da capital. Novo por cento recebem de 25 a 40 salários e 24% ganham de dez a 25 salários. A maioria da população, 43%, recebe entre dois e dez salários mínimos, segundo números da Codeplan. Nessa última classe, além dos que sustentam a família com menos de R\$ 300,00 estão incluídas pessoas com rendimento zero.

Muitos não têm acesso a serviços de saúde pública, escolaridade, ao consumo de frutas e legumes, a uma vida saudável. Conheça o cotidiano de algumas dessas pessoas que estão no reverso de Brasília, marginalizadas da sociedade. Os excluídos da



DONA ANAZINHA DOS SANTOS, MORA NO RECANTO DAS EMAS, GANHA R\$ 150 PARA ELA E OITO FILHOS: BANHEIRO QUE CONSTRUIU, MAS SEM ÁGUA ENCANADA



SILVÂNIA, EMERSON E OS DOIS FILHOS: SEM EMPREGO, SOBRARAM O FOGÃO E A CAMA. GANHARAM MESA SEM TAMPÃO, ARMÁRIO USADO, MAS FALTA O PISO DA CASA

Um só cobertor para quatro

À época do aluguel — um barracão aos fundos de uma casa lá no Parque da Barragem — as dificuldades eram ainda maiores. Silvana, 20 anos, e Emerson Silva, 24, tiveram que vender tudo o que tinham para conseguir comer, quando a filhinha Débora acabara de nascer e Emerson ficara desempregado. Era cobrador de ônibus e ganhava uns R\$ 300,00. Mas com o ócio forçado, até o botijão de gás precisou ser vendido. O som Gradiense, a geladeira branca, a televisão colorida. Restaram o fogão e a cama.

"Por Deus que está no céu, com fé que a gente vai conseguir tudo

de novo", bradou Silvana, que cora ao se expressar devido à pele alvíssima. Justo ela, que rica nunca foi, cresceu na periferia mas mora no DF, o local onde há mais bens de consumo do país por domicílio.

Silvana e o marido confiaram na proteção divina. Ele conseguiu emprego no Serviço de Limpeza Urbana (SLU) e hoje recebe R\$ 200,00. Também ganhou um lote onde levantou o barraco, que, segundo a mulher, precisa mesmo é de um piso. Poderia ser só uma camada de cimento, que deverá sair por R\$ 100,00. Difícil manter a casa assada e a saúde vivenda na terra batida, ainda mais com os cuidados especiais dedicados à segunda filha, Dani, ainda um bebê.

Para montar a nova casa foi preciso contar com a ajuda alheia. A mãe de Emerson deu o sofá — que afunda quando senta. Ela comprou um novo armário para sua cozinha, lá em Samambaia, e doou o antigo ao casal que também ganhou uma mesa. Embora sem tambo, Emerson não desdenhou do móvel e arranjou um pedaço de madeira o qual faz as vezes do

cama de casal.

Quem consegue ganhar o mínimo, como Emerson e Silvana, dribla as agruras do dia-a-dia. Dona Anazinha dos Santos, 44 anos, mãe de oito "filhos da terra", empregou-

tampo que já foi de vidro. A televisão, pequena e em preto-e-branco, foi comprada por R\$ 40,00. Silvana pagou um absurdo, que mistura o cheiro de resto de comida ao da terra seca. Mas tenta transformar o viver dos seus em dignidade. Matriculou as crianças na escola em Taguatinga. Deixa-as no colégio quando vai trabalhar e uma comadre se encarrega de refeição nas pontas de ônibus.

Grande problema ainda é o ferro de passar. De tão velho, dá choque, e Silvana levou muito choque. Um dia pensou: "Vixe, qualquer dia fico grudada aqui". Como ainda pode comprar um novo, aprendeu a esticar as roupas na mesa com tampo de madeira assim: liga o ferro na tomada, que esquenta um pouquinho. Desliga e passa alguma peça. O faz repetidas vezes, na tentativa de ter roupas apresentáveis sem que leve choque.

Dribla o ferro como dribla o frio. Emendou um cobertor a outro. Virou uma manta só, que aquece na mesma cama marido, mulher e as duas filhinhas. Quem consegue ganhar o mínimo, como Emerson e Silvana, dribla as agruras do dia-a-dia. Dona Anazinha dos Santos, 44 anos, mãe de oito "filhos da terra", empregou-

se há um ano na frente de trabalho do Governo do Distrito Federal. Capina, recebe R\$ 150,00 e ainda vive no mesmo barraco miserável, que mistura o cheiro de resto de comida ao da terra seca. Mas tenta transformar o viver dos seus em dignidade. Matriculou as crianças na escola em Taguatinga. Deixa-as no colégio quando vai trabalhar e uma comadre se encarrega de refeição nas pontas de ônibus.

Costuma "cagar comida" para as crianças, referindo-se à tentativa

por vezes vã de não deixar faltar frutas, legumes e verduras. E nessa casa Anazinha ergueu os braços e construiu um banheiro com vaso sanitário, ainda que sem água encanada. Todos tomam banho morno. A mulher, que a vida inteira foi trabalhadeira e apparenta alguns anos a mais na pele castigada e manchada, ferve a água para si e para os pequenos "beber e banhar". Mata os microbios". Pode-se crer que Anazinha ainda assim é excluída de todos itens que fazem da capital o melhor local do país, mas é lutando dessa forma que tenta não mais ser.

Farinha para enganar a fome

É mais um barraco como os milhares das quadras 500, no Recanto das Emas: pedaços de madeira tocamente unidos, teto de zinco, nemhuma janela. Nele habitam uma senhora de 63 anos chamada Domingas da Silva que sente dores nos ossos e anda cansada dessa vida errante e a filha Edna, 22 anos, grávida de sete meses do terceiro filho — cada qual de um pai distinto e ausente. Os filhos de Edna são Almino, o Neto, de 5 anos. E a gorduchinha Milene, ou Mila, de 3 anos, e já com dentes pretinhos devido à rara escovação.

A opulência do pequeno corpo de Mila concentra-se mesmo na barriga, que tem uns vermes "desses bem grandes", sinaliza com a mão a avó Domingas. Já levou-a ao centro de saúde, deu-lhe uns remédios, mas que adianta se a família continua bebedora da água imunda que o caminhão-pipa deixa dia sim, dia não, na vizinhança. Edna, que não tem filtro, sabe que deve vir ferir ou "fritar" a água para os filhos beberem, mas não o faz para evitar o desperdício de gás. Sem gás não dá para fazer um tantinho de arroz, feijão e, com sorte, um pouco de jabá.

Faz tempo as crianças de Edna e Domingas não vêem frutas, legumes, verduras. Quando a comida da cesta básica que a família recebe acaba e a "fome fica doida na gente", explica dona Domingas, a solução é arranjar farinha. Um bocadinho assim, mesmo que meio copo para não gastar muito, "ficar tudo na regra e dar amanhã". Depois é raspar um pouco de rapadura por cima da farinha, que dá um certo sabor.

Numa quarta-feira dessas, janta não teve. Foi só o sol bairar, lá pelas 18h, e a família enganou a fome com farinha para, em seguida, dormir. Não havia o que fazer depois. Edna e os filhos descansam na cama de solteiro, Domingas em um colchão tão fininho, sujo e esfarapado



NA CASA DE RAQUEL, TEM LUZ, UM LUXO PARA A VIZINHANÇA DO RECANTO

geladeira, que insiste em funcionar somente à noite. É também um barraco, ao lado do de Domingas, que o considera um luxo. Para sustentar a si e ao filho Wesley, de um ano e meio, que põe no colo e adula todo tempo, Raquel faz doces e salgados para vender na vizinhança.

Sem água encanada, encaneada, é latão quando o carreta-pipa passa. Ainda não viu lucro, mesmo fazendo deliciosas pizzas, lasanhas, tortas doces e bolo de fubá. Saiu vendendo por R\$ 0,50 cada pedaço. Cada forma dão seis pedaços. Mas ninguém tinha dinheiro. Fez promoção: baixou o preço para R\$ 0,10. "Assim mesmo não ganhei foi na da", diz Raquel, rindo das próprias mazelas.

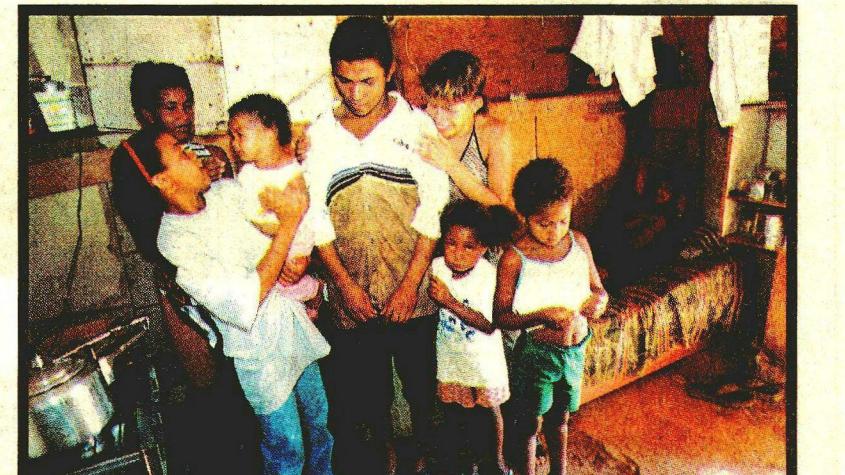
Insistente, resolveu colocar uma placa de "manicuri e pedicuri" na porta da casa. Quem saiu com algum lucrinho consiga uma casa que nem aquela ali em frente "tão linda, é meu sonho", declara, apontando para um casal que se encontra em construção.

Na casa da amiga Raquel Cristinne, 22 anos, que há três anos veio de Marabá, no Pará, atrás de um companheiro que só lhe trouxe ingratidão, já tem luz. E

NA ILHA DA EXCLUSÃO



EDNA, COM OS FILHOS ALVINO E MILA: ELES COMERAM FRUTA FAZ 20 DIAS



A FAMÍLIA DE DONA MARIA (AO FONDO): RODEADOS POR MILHARES DE MOSCAS

Quatro cômodos para dez pessoas

Solange é moça bonita, de 17 anos, que leva os cabelos loiros manchados por parafina sempre

presos e guarda profundo amor por Edvaldo da Silva, 22 anos, que vive com ela e com outra também. Fora o ciúme, o que ela lamenta nesse é não conseguir entender o emaranhado confuso de letras que certa vez Edvaldo lhe enviou em um pedaço de papel, logo depois que começaram a namorar, há seis meses.

Era uma carta de amor — que nem foi escrita por ele, mas pela amiga Eunice Tereza, a Nice, 15 anos, espetada e a mais inteligente da casa pois estudou até o primeiro ano. Solange nunca foi à escola e faz parte dos 6,3% dos

maiores de 15 anos que são analfabetos no DF.

Ali no barraco do Varjão, onde a rua de terra é inclinada, desnívelada e transborda água suja porque o encanamento há muito não vê consentro, vive essa família que somam dez pessoas. A casa é de Maria Ferreira, 34 anos, que veio há muito de Caririnha, na Bahia, perto de Bom Jesus da Lapa. Com ela moram os filhos Márcio, 17 anos, casado com Nice; outro filho de Maria, Wilson, de 7 anos, se alfabetizou na escola do Varjão; Valéria, 6 anos, que ainda não entrou no colégio; Iris,

a Irinha, de 4 anos; e a caçula Victoria, de 1 ano, olhos vivo e claros.

Também mora ali o companionista de Maria, o servente Joaquim, de 33 anos, que por hora esquece a desocupação tomada do cachaça. Como Solange, que não é parente deles mas é como se fosse. Briguou com os irmãos, quis sair de casa e foi convidada para morar com a família Ferreira. Ela levou o marido, Edvaldo.

E muita gente para um barra-

co de madeira minúsculo, sem água encanada, sem banheiro, substituído pela pequena area de

terra nos fundos da casa — refúgio para as necessidades e as milhares de moscas. A sala com uma mesa velha e cadeiras descascando vira quarto de uma só cama e cozinhar, onde não tem geladeira, mas apenas um fogão que produz pouca comida. O quarto onde dormem Maria e Joaquim vira o quarto das crianças e tem um berço. E no outro quarto ali ao lado é a casa dos dois casais, Nice e Márcio e Solange e Edvaldo. Tem uma cama e um colchão.

Edvaldo dorme com Solange

e Irinha, de 4 anos; e a caçula Victoria, de 1 ano, olhos vivo e claros.

Na Irinha, de 4 anos; e a caçula Victoria, de 1 ano, olhos vivo e claros.

Deusa, que segundo Solange é feia e gorda e espera um filho de Edvaldo. Ele já tem uma linda menina, loirinha, de três aninhos, com outra mulher e já fez um filho em Solange. Depois de ter terminado com ele "por causa de briguinha bestinha", fechou-se no quarto e provocou um aborto com agulha de tricô.

Mas Edvaldo também nutre amor por Solange e foi por isso que pediu a Nice que lhe escrevesse uma carta. Ele mesmo não tentou pois "a cabeça só de tentar juntar as letras". Chegou a

manhã vai para a casa de outra, a Deusa, que segundo Solange é feia e gorda e espera um filho de Edvaldo. Ele já tem uma linda menina, loirinha, de três aninhos, com outra mulher e já fez um filho em Solange. Depois de ter terminado com ele "por causa de briguinha bestinha", fechou-se no quarto e provocou um aborto com agulha de tricô.

Mas Edvaldo também nutre amor por Solange e foi por isso que pediu a Nice que lhe escrevesse uma carta. Ele mesmo não tentou pois "a cabeça só de tentar juntar as letras". Chegou a

manhã vai para a casa de outra, a Deusa, que segundo Solange é feia e gorda e espera um filho de Edvaldo. Ele já tem uma linda menina, loirinha, de três aninhos, com outra mulher e já fez um filho em Solange. Depois de ter terminado com ele "por causa de briguinha bestinha", fechou-se no quarto e provocou um aborto com agulha de tricô.

Mas Edvaldo também nutre amor por Solange e foi por isso que pediu a Nice que lhe escrevesse uma carta. Ele mesmo não tentou pois "a cabeça só de tentar juntar as letras". Chegou a

CONSUMO ALIMENTAR PER CAPITA ANUAL

CEREAIS E LEGUMINOSAS (KG)

DF 58,785

Rio de Janeiro 49,069

Fortaleza 46,705

TAXA DE ANALFABETISMO

15 ANOS OU MAIS

Alagoas 36,2%

Paraná 11,7%

Distrito Federal 6,3%

ESCOLARIDADE COM MAIS DE DEZ ANOS, COM MAIS DE 8 ANOS DE ESTUDO

DF 46,2%

Rio de Janeiro 44,4%

São Paulo 40,5%

Porto Alegre 40,5%

Fontes: IBGE, Inep, Anatel, Unicef, Codeplan